



A conservação de variedades agrícolas por casas de sementes comunitárias, no Sertão do Ceará, Brasil

The conservation of agricultural varieties by community seed houses, in the Sertão do Ceará, Brazil

PROENÇA, Mariana Luiz¹; AMÂNCIO, Robson²; AMÂNCIO, Cristhiane O. G. ³

¹ marianaluizproenca@gmail.com; ² UFRRJ, ramancio@ufrj.br; ³ Embrapa, cristhiane.amancio@embrapa.br

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Biodiversidade e Conhecimentos das/os Agricultoras/es, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: Este trabalho trata sobre a contribuição que as casas de sementes comunitárias trouxeram para seis experiências recentes de guarda coletiva de sementes locais no semiárido cearense. As seis comunidades visitadas fazem parte do Projeto Paulo Freire coordenado pela Secretaria de Agricultura do Governo do Estado do Ceará e com apoio do Fundo Internacional de Desenvolvimento da Agricultura (FIDA/ONU), e foram atendidas pelo Programa Sementes do Semiárido, da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA). Entre agosto e novembro de 2018, seis casas de sementes comunitárias foram percorridas, duas em cada uma das três regiões: Sertão do Inhamuns, Cariri Oeste e Sertão Sobral. Foi adotada uma proposta pluri metodológica, que inclui entrevistas focalizadas, análise participativa, e sensibilidade etnográfica. Observa-se que o objetivo das casas de sementes comunitárias concentra-se na garantia das sementes para o plantio na época certa, e que a variabilidade das sementes recebe menos atenção. No entanto, não está inviabilizada a conservação da agrobiodiversidade através das casas de sementes.

Palavras-chave: agroecologia, sementes crioulas, agrobiodiversidade.

Introdução

Este resumo é resultado da pesquisa “Conservação e Proteção de Sementes Crioulas e Nativas”, desenvolvida no Projeto de Desenvolvimento Produtivo e de Capacidades - Paulo Freire, e coordenado pela Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Estado do Ceará (SDA-CE) em cooperação com o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) e foi tratada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Práticas em Desenvolvimento Sustentável, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGPDS/UFRRJ). A pesquisa atenta para a situação de seis Casas de Sementes Comunitárias localizadas em comunidades rurais no interior do Estado do Ceará, atendidas pelo Projeto Paulo Freire. As relações estabelecidas de agricultores e comunidade com as casas de sementes e suas variedades, nos ajudam a compreender a importância estratégica da conservação da agrobiodiversidade e de nossas sementes tradicionais.

O armazenamento de sementes no semiárido brasileiro é uma prática tradicional que colabora para a conservação da agrobiodiversidade. Em uma região em que a ausência de chuvas compromete a produção agrícola no verão, estocar água,



sementes e forragem é uma estratégia para a permanência e sobrevivência no sertão, e compõe a cultura do estoque. Neste sentido algumas questões nortearam a pesquisa de campo e suas reflexões posteriores, são elas: Qual o potencial da guarda coletiva de sementes em casas de sementes comunitárias para a preservação das sementes da agrobiodiversidade e dos saberes atrelados a elas? Quais dificuldades enfrentam para a potencialização de suas ações?

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida entre agosto e novembro de 2018, contemplando as três regiões atendidas pelo projeto (Sobral, Inhamuns e Cariri). Foram selecionadas duas comunidades por região, cada comunidade com uma casa de sementes comunitária. As 6 casas de sementes visitadas fizeram parte do Programa Sementes do Semiárido, da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA). Consultamos os registros de casas implementadas ou fortalecidas pelo programa, para então selecionar as comunidades que estivessem em etapa de execução mais avançada do Projeto Paulo Freire, privilegiando comunidades indígenas e quilombolas.

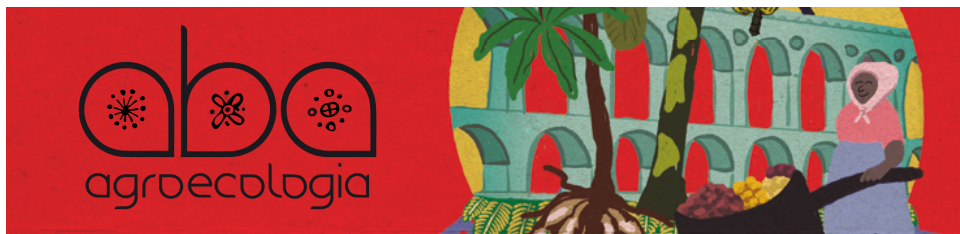
Para as entrevistas, um guia básico de questões foi adaptado do guia proposto pela metodologia de análise econômica-ecológica de agroecossistemas (Petersen et al, 2017), voltado à compreensão da diversidade de variedades agrícolas dentro da estrutura e funcionamento dos agroecossistemas. Foram aplicadas 38 entrevistas semiestruturadas com famílias agricultoras, que em sua maioria integram as casas de sementes comunitárias. A pesquisa apoiou-se também na análise participativa de quatro-células, uma ferramenta empregada para facilitar a análise sistemática da distribuição de diversidade dos cultivos, e identificar os recursos biológicos que tem papel importante na segurança alimentar local.

Resultados e Discussão

A produção de alimento pela agricultura tradicional nas comunidades visitadas, no semiárido nordestino, é feita nos roçados, em áreas aradas ou brocadas, e nos quintais produtivos, ao redor das casas. Os quintais caracterizam-se pela presença de espécies vegetais perenes, como frutíferas, em consórcio com cultivos anuais, como milho, feijão, fava, além de ervas e temperos. A produção de roçados e quintais é destinada quase que inteiramente ao consumo interno das famílias.

Alguns fatores influenciam diretamente a diversidade de sementes manejadas e armazenadas por agricultores e agricultoras no semiárido. As formas de acesso à terra e à água impactam nas decisões tomadas por agricultores/as que utilizam seus conhecimentos acerca das condições do ambiente em que estão inseridos para a escolha de suas variedades e do manejo que julgam mais apropriado.

As famílias entrevistadas, em sua maioria, arrendam a terra para fazer os roçados, com o objetivo primeiro de produzir alimento para si. A maioria dos entrevistados cultivam em áreas que variam de 1 a 3 hectares, com raras exceções que cultivam



em áreas maiores. O arrendamento das terras é pago com parte da produção, variando de um quinto a um décimo da produção, ou pode ser pago com o plantio de capim, como citado nas comunidades de Sítio Carcará e Pavão, em que o capim é plantado para servir de pasto para os animais do dono da terra. Eventualmente, o proprietário pode pagar pelo legume que está no campo, que também pode servir de alimento para o animal, porém a exigência das terras para pôr o animal no cercado é o principal motivo para não se cultivar variedades de colheita tardia.

Com relação a questão hídrica, de acordo com Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME), os cinco municípios em que estão localizadas as comunidades visitadas apresentam clima tropical quente semiárido, apresentando índices de aridez e precipitação média anual entre IA = 35,63 e 630 ml, em Quiterianópolis, e IA = 49,78 e 926 ml, em Frecheirinha.

Através dos programas de convivência com o semiárido implementados pela ASA, foi possível ver muitas famílias ampliando a produção ao redor de suas casas. (Rocha, 2013) O Programa de Formação e Mobilização Social para Convivência com o Semiárido: Um Milhão de Cisternas Rurais e o Programa Uma Terra e Duas Águas foram responsáveis pela construção de mais de 1 milhão de cisternas na região, proporcionando água para consumo doméstico, e água para irrigar hortas e quintais, respectivamente. O acesso à água interfere diretamente na produção vegetal, assim como nas criações animais. Em todas as comunidades foi relatada alguma melhora depois de 5 anos de chuvas escassas.

A Diversidade nas Casas de Sementes

Algumas das casas de sementes não estavam consolidadas, e estavam sem aporte externo para este fim. Nas comunidades em que já havia alguma organização em torno das sementes, encontramos maiores êxitos na continuidade das atividades das casas de sementes. Observamos que as casas de sementes comunitárias que tiveram continuidade não ficaram desprovidas de suporte após a capacitação pelo Programa Sementes do Semiárido. A casa em Bom Princípio teve auxílio técnico do ESPLAR - Centro de Pesquisa e Assessoria e do Projeto Resgate, facilitado por ser o mesmo técnico atuando por ambas as iniciativas. As Casas de Pavão e de Contentas, seguiram inseridas na Rede de Intercâmbio de Sementes. A própria construção da Rede de Intercâmbio de Sementes (Lopes et al., 2019) foi em meio a necessidade de fortalecimento das casas de sementes, que estimulou também o surgimento de novas casas.

As formas de organização em torno das casas de sementes variam muito em relação à forma de inclusão destas nas redes de sementes. Incluídas às diferenças estão um emaranhado de relações em que estão imbricadas a localização, segurança fundiária, capacidade organizativa para estabelecer intercâmbios e relações com outras comunidades e instituições, bem como do interesse de órgãos responsáveis pela implementação de políticas públicas. Em Contentas, membros da casa de sementes costumam participar de encontros de trocas que estimulam a



conservação de variedades locais, proporcionam articulações em nível regional e fortalecem as redes de sementes.

Quanto ao estabelecimento inicial das casas visitadas, o Programa Sementes do Semiárido financiou a compra de sementes para integrar os estoques iniciais das casas de sementes, porque os estoques familiares estavam reduzidos. Encontrar variedades locais foi mais difícil em algumas localidades, devido à perda de muitas sementes naquele período. Em algumas localidades, os beneficiários mostraram-se insatisfeitos com a qualidade das sementes. Contudo, em Pavão e Contentas os estoques foram formados por variedades que já circulavam entre agricultores/as.

As principais variedades armazenadas nas casas de sementes são de milho e feijão. A maior riqueza está entre os cultivos de feijão, milho e fava, nas três comunidades (Fig. 1). Na casa comunitária de Contentas, mais antiga e com maior número de membros, foram contabilizadas 35 variedades: 6 são de milho, 10 de feijão, e 7 de fava; a maior riqueza de variedades encontrada entre as casas. São encontradas também sementes de outras espécies, até arbóreas, que, no entanto, não tem circulação, e sim compõem uma espécie de mostruário de sementes. Observamos também que agricultores/as preferem guardar variedades de feijão de corda na casa de sementes, enquanto variedades de moita e de arranque, que são semeadas primeiro, costumam ser armazenadas em suas próprias casas.

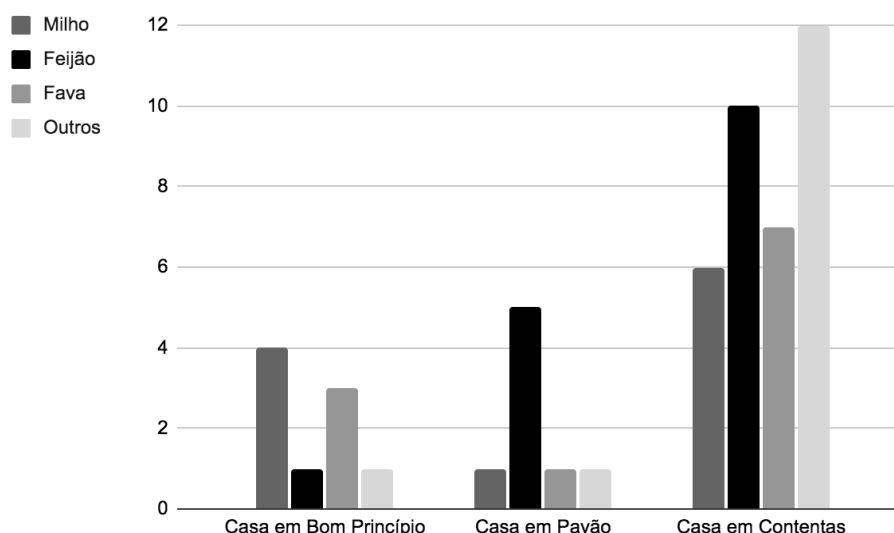


Figura 1: Gráfico com a riqueza de variedades contidas nas casas de Bom Princípio, Pavão e Contentas, para os cultivos de fava, feijão e milho.

Na casa de Bom Princípio, costumam armazenar variedades cultivadas por mais famílias e em maior quantidade, com exceção do milho massa, que foi resgatado por iniciativa da casa. Enquanto armazenam quatro variedades de milho, apenas o feijão Varelo Roxo, citado por ser bem aceito no mercado, está sob a guarda coletiva. Também em Pavão, as variedades que estão em maior proporção sob a guarda coletiva são aquelas cultivadas por muitas famílias e em grandes áreas, com



exceção do feijão de corda. São agricultores/as que definem seus critérios para armazenar uma variedade de maneira individual ou coletiva. É comum que não armazenem todas suas variedades nas casas de sementes.

As casas de sementes têm um número de variedades menor do que o número de variedades que circulam pela comunidade. Almeida & Cordeiro (2002) observaram que agricultores/as selecionavam variedades com determinadas especificidades para armazenar nas casas, como variedades cultivadas em maior quantidade ou com maior valor no mercado. Uma agricultora justificou a seleção das variedades mais comuns para guardar coletivamente, pois são estas que garantem a sua sobrevivência. Podem preferir guardar no estoque familiar uma variedade que seja semeada primeiro, às vezes antes da data de entrega da semente pela casa, ou guardam em casa uma variedade que tenham em menor quantidade.

As variedades de fava são armazenadas em pequenas quantias nas casas de sementes. Em geral, agricultores semeiam poucas sementes - apenas “um punhado” de sementes, quantidade suficiente para uma boa colheita. Como precisam de poucas sementes, a maioria prefere manter em suas moradias.

Chama também a atenção em algumas comunidades o manejo com variedades misturadas. As sementes podem ser armazenadas misturadas nas moradias. No entanto, as casas comunitárias de Contentas e Bom Princípio barram essas misturas. Exceção dada ao feijão de moita em Contentas, que é comum estar misturado. Na casa de sementes em Pavão as sementes de feijão de moita são armazenadas misturadas, e em grande quantidade. Nessa comunidade algumas misturas são consideradas como variedade, como o feijão de moita Chico-doido. Apesar dessas exceções, agricultores/as dizem ter passado a separar as sementes com mais rigor desde que passaram a integrar a casa de sementes.

As casas de sementes influenciam a diversidade de variedades armazenadas coletivamente e, conseqüentemente, em circulação nas comunidades ao determinar padrões de qualidade. Em Contentas, uma agricultora optou por guardar na casa de sementes o milho Quarentão, porque este tem o “grão bonito”, sendo fácil para selecionar. Ao mesmo tempo, outra agricultora cultivava o Quarentão e o Dente de Cavalo para garantir a colheita de uma boa semente.

No encontro coletivo em Pavão, uma agricultora comentou que existe diálogo entre eles para armazenar uma diversidade maior de sementes na casa comunitária. Ela avalia que a situação se mantém por descuido, e que o certo seria que guardassem ao menos uma pequena quantia das outras variedades que cultivam. Ocorre que muitos agricultores e agricultoras optam por armazenar em suas próprias moradias, e em alguns casos demonstram um certo receio com a administração das casas.



Conclusões

As casas de sementes comunitárias não objetivam guardar todas as variedades presentes nas comunidades, ainda que algumas pessoas possam ter interesse em aumentar a diversidade de sementes das casas. A maioria das famílias opta por guardar sementes daquelas variedades cultivadas em menor quantidade em suas próprias casas, enquanto aquelas cultivadas em quantidades maiores são armazenadas também nas casas de sementes.

O objetivo principal das casas de sementes comunitárias não é a conservação da agrobiodiversidade em sua amplitude, ainda que isso possa frustrar sonhos conservacionistas. Tampouco a guarda coletiva se constitui como a principal forma de guarda de sementes; é, sim, uma maneira de assegurar sementes aos sistemas locais quando o modelo de guarda familiar não é suficiente. O principal objetivo é sim a garantia da semente, como aparecem nos muitos relatos que atribuem a importância das casas de sementes à garantia de ter a semente na hora certa. Essas casas de sementes, como espaço comunitário, muitas vezes abrigam outros encontros e grupos. Os relatos evidenciam que a presença das casas é um estímulo à procura por variedades locais, por trocar e experimentar. Portanto, há de se levar em conta o caráter organizativo e o potencial articulador desses espaços coletivos.

É preciso ter claro que a estratégia das casas de sementes comunitárias apenas não é suficiente para a conservação da agrobiodiversidade. A curto prazo elas podem garantir a sementes na hora certa, e ajudar a preservar as variedades locais em circulação, mantendo os processos geradores da diversidade. Por outro lado, a longo prazo, em um contexto de adversidades climáticas, é necessário articulações entre as casas, em redes municipais, territoriais e regionais. E que estas tenham apoio de programas estaduais e federais para que se fortaleçam.

Referências bibliográficas

Almeida, Paula.; Cordeiro, Angela. Semente da Paixão: estratégia comunitária de conservação de variedades locais no semiárido. 72p. Rio de Janeiro, AS-PTA, 2002.

Lopes, Helena R.; Schmitt, Claudia J.; Vasconcelos, José M. Ordens, práticas e fluxos na constituição das sementes crioulas: apontamentos a partir do tecido mundo da Rede de Intercâmbio de Sementes (RIS) na região de Sobral-CE. Desenvolvimento Rural Interdisciplinar, v. 1, n. 2, p. 143–175, 2019.

Petersen, Paulo; Silveira, Luciano M.; Fernandes, Gabriel B.; Almeida, Sílvia. G. Método de análise econômico-ecológica de Agroecossistemas. Articulação Nacional de Agroecologia (Brasil). 1. ed. - Rio de Janeiro: AS-PTA, 2017. 246 p.

Rocha, José C. Soberania e segurança alimentar no Semiárido. In: Conti, I. L.; Schroeder, E. O. (Org.). Convivência com o semiárido brasileiro: autonomia e protagonismo social. Brasília: Editora IABS, 2013.